

A MUDANÇA NA POSTURA TEÓRICO – METODOLÓGICA EM RATZEL NO FIN DE SIÈCLE: ARTE, CIÊNCIA E GEOGRAFIA

Ricardo Devides Oliveira
Doutorando, DGEO, UNICAMP – CAMPINAS - SP
rdevides@hotmail.com

Antonio Carlos Vitte
Professor Doutor, DGEO, UNICAMP – CAMPINAS - SP
acarlosvitte@uol.com.br

1. *Enfoques teóricos - metodológicos de la Geografía.*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar e debater a questão teórico-metodológica em Friedrich Ratzel (1844 – 1904), à luz do complexo cultural e da fragmentação das ciências que caracterizou a passagem do século XIX ao século XX, a partir dos debates sobre a problemática metodológica nas ciências humanas. Neste momento de maturidade intelectual, Ratzel dialoga com outros saberes, além do arcabouço teórico da Geografia institucionalizada, discutindo temáticas tais como a filosofia, teologia, história, estética e arte, e estabelecendo um rico diálogo com a tradição romântica da Alemanha, com Kant, Herder e a *Naturphilosophie*. É possível verificar determinada mudança na proposta geográfica de Ratzel, caracterizada primeiramente por obras como a *Anthropogeographie* (1882/91) e a *Politische Geographie* (1897), para outras formas de entendimento da Geografia, enraizadas em obras assinadas em sua maturidade intelectual, como a *Über Naturschilderung* (1904), e a *Raum und Zeit in Geographie und Geologie* (1907). Embasado pelo “Círculo de Leipzig”, formado por pensadores de diversos ramos do conhecimento, Ratzel dialoga e discute Rickert, Windelband, Leibniz, Dilthey e também Max Weber, além de outros pensadores da tradição filosófica alemã. Estas discussões irão subsidiar um Ratzel mais reflexivo, preocupado com outras questões até então não pertinentes para a Geografia (novos apontamentos sobre espaço e tempo, *Naturphilosophie*, relações entre arte e ciência, além de questões estéticas e filosóficas). A problemática que se coloca é o porquê desta mudança no pensamento de Ratzel, refletindo sobre o esforço do ilustre geógrafo de Leipzig em desenvolver uma Geografia frente às outras ciências sociais, que dada a influência do positivismo e o acirramento da ligação Estado – ciência, exigiu a especialização do saber, de um lado, e de outro, a redução axiológica da ciência aos primados metodológicos, e não mais filosóficos.

INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que no *fin de siècle*¹, conhecido também como a passagem do século XIX para o século XX, a Geografia alemã encontrava-se no auge de seu desenvolvimento científico e institucionalização disciplinar (DUNBAR, 2001). Subsidiada por um Estado unificado que realizava o seu imperialismo, pautado principalmente no período Bismarckiano, a Geografia adquiriu a mais firme base acadêmica, dotada de estrutura disciplinar e aprofundamento teórico-metodológico, colocando-se enquanto modelo para estruturas disciplinares de grande parte da Europa e EUA (VALKENBURG, 1960; SMITH, 1991; DUNBAR, 2001), sempre com a marca da *Wissenschaftspolitik*².

Friedrich Ratzel foi um dos grandes geógrafos atuantes na institucionalização da Geografia alemã, intensificada na pós-unificação territorial. Poderíamos citar muitos outros, como Oscar Peschel, Ferdinand von Richthofen, Albrecht Penck, Moritz Wagner e Alfred Hettner, mas é fato que a figura de Ratzel adquiriu uma densidade única, em razão de sua genialidade e riqueza de ideias, que marcaram praticamente toda sua vida acadêmica. Hoje, consiste em um dos geógrafos alemães mais estudados e conhecidos no mundo da Geografia, e em outros campos de saberes também, como nas ciências sociais. Suas principais obras, como a *Anthropogeographie* e a *Politische Geographie*, foram traduzidas para vários idiomas.

A *Anthropogeographie*, publicada em 1882, consolida Ratzel no seletor meio acadêmico alemão (MORAES, 1989: 1990), apresentando uma geografia que leva em conta as relações entre os aspectos do homem e da natureza: “Com a renovação da ciência voltam a serem estudadas também as relações entre as condições naturais e a vida do homem” (RAZTEL apud MORAES, 1990)³. É o momento da Alemanha pós-unificação territorial e altamente industrializada, que tinha um objetivo muito claro: a aquisição de colônias, a exemplo dos Franceses e Ingleses. No contexto do imperialismo, Ratzel também vai teorizar o conceito de *Lebensraum* (Espaço-vital), em sua obra *Politische Geographie* (1897), já que anteriormente a *Anthropogeographie* havia apresentado as bases de consolidação da Geografia Humana (MORAES, 1989; MORAES, 1990; CARVALHO, 1997). Apesar de toda cientificidade do pensamento de Ratzel, suas concepções político-sociais foram facilmente incorporadas pelo Estado, e seu caráter instrumental permitiram incluí-la na *Kulturkampf*⁴ (MORAES, 1989), no final do séc. XIX.

Essa intensa relação entre política e ciência, demarcou grande parte do desenvolvimento da Alemanha, e também da Geografia. Podemos dizer que

¹ *Fin de siècle*. Termo em francês (associado aos círculos artísticos de Paris e Bruxelas, e em poetas como Mallarmé, Claude Debussy e Oscar Wilde). Teorizado para contextualizar o período da passagem do século XIX ao século XX, indicando um período de degeneração política, e aparecimento de certas características culturais, como tédio, pessimismo e crença na decadência da civilização. Na Alemanha, remete ao mal-estar político da virada do século, e também caracteriza um momento de intensas contradições sociais, culturais e intelectuais, expressadas principalmente na filosofia, ciência e arte. (MARCHANT, LINDENFELD, 2004).

² Política da ciência, de caráter estatal.

³ Moraes (1990) reproduz alguns capítulos da *Anthropogeographie* de Ratzel, a partir da obra em italiano (FRATELLI BOCCA, 1914)

⁴ Política cultural do Estado alemão, de caráter ideológico e nacionalista (MORAES, 1990).

desde 1870, principalmente com o *Staat der Wissenschaft*⁵, havia uma posição muito clara com relação ao futuro da Alemanha. Difundia-se uma ideia muito forte entre os acadêmicos, industriais e ministros dos estados alemães, de que “uma liderança na produção do conhecimento científico era essencial à força econômica e política do Kaiserreich” (LENOIR, 2004, 122). Reconhecendo as vantagens econômicas e ideológicas de um discurso comum, pautados em um realismo político, estético, científico e na construção de uma nova ordem social (a evolução da burocracia germânica), objetivada na expansão territorial e na institucionalização das ciências, a Alemanha torna-se extremamente forte e competitiva no final do séc. XIX. O saldo foi que no Império, os alemães, principalmente jovens e do ponto de vista oficial, não eram mais os herdeiros de Goethe, Fichte e dos Humboldts (LENOIR, 2004); pois “(...) acreditar em verdades filosóficas saiu de moda” (HOBSBAWM, 2009, 35). A grandeza de Kant, assim como os cientistas, naturalmente resistiram; mas mesmo Hegel foi esquecido em razão da associação de seu pensamento com o marxismo (HOBSBAWM, 2009).

Por volta de 1890, no apogeu de afirmação das instituições disciplinares e da profissionalização científica realizada na especialização das ciências (CARVALHO, 2010), boa parte dos acadêmicos alemães começaram a colocar em xeque a situação do ensino e, de modo geral, da vida cultural da Alemanha (RINGER, 2000). As críticas eram direcionadas às universidades, centros do conhecimento que haviam perdido o idealismo e o humanismo tão característico da cultura alemã, em detrimento de um conhecimento extremamente materialista e positivista, pautado por um ensino mecânico e repetitivo, aliado aos objetivos do estado em expansão, e que não estimulava os jovens ao trabalho independente fruto de um aprofundamento cultural. Assim, ao mesmo tempo que eficiente e vantajosa, torna-se problemática a relação entre ciência, Estado e Indústria no final do séc. XIX (LENOIR, 2004).

É importante destacar que estas críticas à ciência, desenvolvida nas universidades alemãs, também convergiam com o conjunto de manifestações culturais e científicas diversas, que apresentavam direta ou indiretamente, críticas e contribuições ao desenvolvimento científico no *fin de siècle*. A politização do marxismo, o historicismo de Dilthey, a crítica de Nietzsche à moral burguesa e à concepção científica da época, os primeiros trabalhos de Freud em psicanálise, Heidegger, o crescimento da Social-Democracia alemã em contrapartida ao Estado centralizado, o anti-semitismo contra os judeus, o impacto das obras de Max Weber nas ciências sociais, o imperialismo em seu auge, naturalismo, simbolismo e o impressionismo na arte, com forte destaque para a poesia neo-romântica na Alemanha e na França, o culto do ir embora⁶, etc.

No *fin de siècle*, Ratzel encontra-se no auge de sua maturidade intelectual, reconhecido internacionalmente e consolidado na Academia alemã. Enraizado em Leipzig, Ratzel aprofunda seus conhecimentos filosóficos a partir de encontros com o denominado “Círculo de Leipzig” (MARTINS, 2001),

⁵ Estatuto da Ciência.

⁶ Caracterizou um movimento de volta a terra, com a criação de diversas comunidades rurais na Alemanha, no final do séc. XIX, justamente no auge da urbanização e da industrialização. Este movimento, dotado de uma vitalidade artística por parte de seus membros, referenciavam-se pelo pensamento de Nietzsche, na busca pelo secreto e sedutor significado da vida, que os alemães haviam deixado em algum lugar na história (SCHEIDL, 1985; HOBSBAWM, 2009, SAFRANSKI, 2010).

formado por um grupo diverso de intelectuais, como o antropólogo Adolf Bastian, o historiador Karl Lamprecht e principalmente o psicólogo Wilhelm Wundt (RINGER, 2004). Este grupo caracterizou-se por um conjunto de discussões sobre estudos interpretativos e históricos, embasados pela proposta neokantiana de Rickert e Windelband, por Leibniz e também por Max Weber (RINGER, 2004; SMITH, 1991). Deste diálogo filosófico e da vivência do conturbado *fin de siècle*, surge um Ratzel despojado da rigidez acadêmica (MARTINS, 2001), reflexivo, e imerso em preocupações filosóficas, estéticas e mesmo religiosas (BUTTMAN, 1977), observadas em suas obras do período: *Über Naturschilderung*⁷ (1904), *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*⁸ (1906/7) e *Raum und Zeit in der Geographie und Geologie*⁹ (1907).

É neste ponto que se insere a problematização e as principais indagações da presente pesquisa. É possível verificar uma mudança de postura em Ratzel, de suas obras mais preocupadas com a sistematização do pensamento geográfico (MARTINS, 2001) – *Anthropogeographie* e *Politische Geographie* – para o conjunto de textos e artigos assinados e publicados no início do século XX, com especial destaque para a *Über Naturschilderung* (1904), e para a *Raum und Zeit in der Geographie und Geologie* (1907). Em ambas as obras, Ratzel buscará referenciar uma nova forma de conhecimento geográfico, dialogando com a tradição romântica alemã, com as contradições das visões de mundo e visões científicas ao longo da história, resgatando principalmente conhecimentos advindos da Arte e da Filosofia, para desenvolver uma nova proposta teórico-metodológica para a Geografia. Estas duas obras representam uma ruptura, uma mudança de postura, propriamente dita, dos objetivos de Ratzel frente à necessidade de repensar a Geografia. Por esta ótica, a construção de um panorama evolutivo do conjunto de suas obras faz-se necessária, possibilitando assim elencar e demarcar as principais mudanças teórico-metodológicas – bem como a influência do contexto científico-cultural – que ocorreram no ilustre geógrafo.

Nas palavras daquele que foi um dos estudantes e orientandos de Ratzel, Brunhes apresenta o que o mestre dizia em Janeiro de 1904: “Realizei viagens, desenhei, escrevi. Isso me conduziu a *Naturschilderung*” (BRUNHES apud CAPEL, 1912). Como demonstra a observação de Ratzel transcrita acima, a construção da *Über Naturschilderung* advém de experiências e momentos cognitivos diferentes dos usualmente elencados como importantes pela maioria dos estudos sobre o pensamento ratzeliano. Nesta obra, Ratzel procura demonstrar que a narração da natureza é vista como uma área da Arte, e que não é utilizada pela ciência na apreensão da realidade: “Die

⁷ *Über Naturschilderung* (Sobre a Interpretação da Natureza). Obra assinada em 1904, ano da morte de Friedrich Ratzel. O segundo capítulo da obra, *Wissenschaft und Kunst* (Ciência e Arte), já foi recentemente traduzido e publicado em português (GEOgraphia, 2010). O primeiro capítulo, *Beschreibung und Schilderung* (Descrição e Narração), encontra-se em processo final de tradução, pelo próprio autor deste projeto.

⁸ *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel* (Pequenos escritos de Friedrich Ratzel), compõe uma coletânea de cerca de 86 artigos organizados por Hans Helmolt (1906), publicados em dois volumes (1906/7). Estes escritos apresentam um Ratzel reflexivo, politizado, imerso em preocupações filosóficas diversas (MARTINS, 2001)

⁹ *Raum und Zeit in der Geographie und Geologie* (Espaço e Tempo na Geografia e Geologia). Obra editada pelo professor Paul Bart (1907), de Leipzig, onde Ratzel busca dialogar com alguns filósofos da tradição alemã, como Kant e Herder, buscando expor um conjunto de reflexões sobre a importância das ideias de espaço e tempo para o fortalecimento teórico da Geografia e da Geologia.

Naturschilderung wird gewöhnlich als ein Zweig der Kunst betrachtet, mit dem die Wissenschaft an sich nichts zu tun habe” (RATZEL, 1904, 1). Utilizando exemplos de pesquisadores científicos, como Darwin e Peschel, Ratzel ocupa-se com a necessidade de se buscar uma visão ampla, depois de ter minuciosamente desmontado os fenômenos (RATZEL, 1904), e que este trabalho deve ser empreendido pelo próprio pesquisador. Em outra passagem, Ratzel demonstra sua clara opinião em relação aos papéis da arte e da ciência:

“Mas aquela [análise científica] que esquecesse ou desprezasse a observação, colocando o pensamento abstrato acima de tudo, prestigiando conceitos desencarnados e palavras vazias mais do que as imagens das impressões imediatas, afastaria, em outras palavras, a arte da ciência, contestaria sua natureza e, conseqüentemente, seria apenas uma doença de ciência” (RATZEL APUD CARVALHO, 2010, 159)

Tratado pelo próprio autor como um guia para a riqueza revigorante de impressões agradáveis que se encontram no lado artístico da Geografia (WENEGER, 1905); a *Über Naturschilderung* mostra que a ciência por si só, assim como suas impressões, não são suficientes para compreender a natureza, e a arte neste sentido pode ajudá-la (WENEGER, 1905). As descrições geográficas, por exemplo, não poderiam se resumir a um simples mosaico de detalhes, mas sim desenvolver uma grande contemplação rica em palavras, cores, linhas e formas.

A outra obra em questão, *Raum und Zeit in der Geographie und Geologie* (Espaço e Tempo na Geografia e Geologia), editada pelo professor Paul Bart e publicada em Leipzig, em 1907, apresenta um conjunto de considerações sobre a filosofia da natureza, a *Naturphilosophie*, concentrando a análise em reflexões filosóficas e históricas sobre a importância e a essência da ideia de Espaço (*Raum*) e Tempo (*Zeit*), para a Geografia e a Geologia. Ratzel, neste sentido, dialoga com a tradição alemã, como Kant e Herder, e também discute a evolução das concepções de mundo e vida, fazendo uso de Copérnico e Laplace, por exemplo, (RATZEL, 1907). Estas obras, em processo de transcrição (no caso da *Über Naturschilderung*) e tradução (*Raum und Zeit in der Geographie und Geologie*), tarefas que compõe objetivos específicos da presente pesquisa, são balizares para demonstrar e comprovar as razões e os principais fatores da mudança da postura teórico-metodológica de Ratzel neste *fin de siècle*, dada a necessidade de desenvolver uma Geografia mais ampla, frente à consolidação das outras ciências sociais.

Esta “nova” postura teórico-metodológica de Ratzel esta ligada, em um primeiro momento, à sua vinculação com o centro científico de Leipzig (1886) e, em um segundo momento, a participação em dois principais grupos de estudos: *Geographische Abende* (Noites geográficas) e o Círculo de Leipzig. Enquanto o primeiro constituía uma associação de geógrafos regionais, o Círculo de Leipzig “propiciava a Ratzel um encontro com cientistas das mais diversas áreas (sociologia, física, teologia, química, psicologia e historia). Esse

contato com “a fina flor da inteligentsia alemã¹⁰ daquela época” propiciava a Ratzel uma extensão do seu pensamento geográfico sob um foco das obras de Leibniz e Spencer (SAGUIN, 1990 apud SEEMAN, 2012). Deste intercâmbio com outras formas de conhecimento científico, Ratzel desenvolve as chamadas “obras escondidas” (SEEMAN, 2012), citadas acima, que buscaram desenvolver um diálogo interno à Geografia, dada as novas necessidades político-científicas, mas também promovendo um resgate da tradição alemã, do romantismo à descrição da natureza e paisagens.

METODOLOGIA

Para a presente pesquisa, optamos por trabalhar com duas metodologias que se complementam: A *Hermenêutica Filosófica*, de Hans-Georg Gadamer; e o que podemos denominar de *Historiografia Contextualista*, teorizada por Timothy Lenoir.

Hans-Georg Gadamer (1900 – 2002) foi um filósofo alemão, e também um dos principais expoentes da Hermenêutica filosófica, assim como Heidegger. Empreendeu diversas discussões sobre as problemáticas epistemológicas das ciências, refletindo sobre o método, a verdade, o Historicismo, o processo de entendimento do passado e do presente (GADAMER, 1993; CORTÊS, 2006). Sua principal obra é “*Wahrheit und Methode*” (Verdade e método), publicada em 1960. As discussões que se seguem terão como referência outra obra de Gadamer, “A consciência histórica” (1993), onde através de diversas conferências, discute os problemas epistemológicos das ciências humanas.

As ciências humanas, enquanto ciências históricas modernas, as *Geisteswissenschaften* (GADAMER, 1993), adquirem uma posição reflexiva com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição do conhecimento, e é justamente este comportamento reflexivo que Gadamer chama de “Interpretação” (GADAMER, 1993), um processo reflexivo que se aplica a tudo que nos é transmitido pela história (GADAMER, 1993), por fatos, fenômenos, textos, contextos, visões de mundo (GADAMER, 1993; DOMINGUES, 2008).

Gadamer, explicando sobre a interpretação hermenêutica, exemplifica a opção e a importância que demos a esta metodologia para a presente pesquisa, onde a hermenêutica visa “*escutar beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios*”. (GADAMER, 1998, 18). É este tipo de reflexão que orientará a pesquisa, pois, ao analisar as obras de Ratzel, inserimo-as no contexto de formação das mesmas, discutindo as interações que se sucederam no momento de institucionalização e afirmação da Geografia na Alemanha, levando assim a uma reflexão explícita sobre as condições que levam o texto a ter este ou aquele significado (GADAMER, 1993).

Timothy Lenoir é professor de História em Stanford, reconhecido por diversos trabalhos no campo da História e filosofia das ciências. Analisa principalmente o desenvolvimento de teorias, a formação das disciplinas científicas e o papel das instituições na construção do conhecimento científico.

¹⁰ Grifo meu.

Assim como Gadamer, tem seus trabalhos voltados a análise da construção do conhecimento científico da Alemanha, principalmente no decorrer do séc. XIX, com a institucionalização das disciplinas científicas. A obra que tomamos como referência para estas considerações é “Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas” (LENOIR, 2003).

Estudar um processo de institucionalização de uma ciência é, necessariamente, estudar a formação de suas instituições científicas, que podem ser entendidas primeiramente como um sítio de coordenação e incorporação de habilidades (LENOIR, 2003), que dado um determinado contexto histórico, que é também contexto institucional (LENOIR, 2003), e ligado a uma interação dinâmica de atores e grupos interessados numa relação de conhecimento e poder, possibilita a percepção de uma instituição a partir dos processos dinâmicos que a constituem, e pelos quais determinadas ciências são formadas.

Na Alemanha, as estruturais organizacionais permitiram a unificação do ensino e da pesquisa nas universidades, ao longo do séc. XIX, aliadas a um mercado descentralizado e competitivo para o talento científico; e onde o conteúdo da ciência, ou seja, sua história interna; foi o elemento essencial em uma rede que envolveu ações simultaneamente culturais, sociais, econômicas e políticas (LENOIR, 2003). Lenoir projeta uma perspectiva de estudo dos processos históricos em um recorte denominado de “micro-história” (LENOIR, 2003), ou seja, propõe a construir micro-estudos de um contexto específico e particular. Este autor estudou a formação das instituições e disciplinas científicas, analisando os processos pelas quais estas se consolidaram. Para Lenoir a micro-história possibilita “[...] explorar os processos dinâmicos pelos quais as instituições que constituem e apóiam as ciências são formadas” (2003, 13), e de como a ciência se desenvolve enquanto prática cultural.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O presente artigo é resultado das leituras iniciais da referida pesquisa, a nível de doutorado, na área de Pensamento Geográfico. Portanto, buscou elencar algumas das principais reflexões e pontos importantes para a continuidade da mesma. Muitas das indagações foram possibilitadas a partir de um amplo trabalho de transcrição e tradução de obras do próprio Ratzel, que estão em alemão gótico, para o alemão moderno, e posteriormente tradução para o português. O conteúdo presente nas obras assinadas por Ratzel neste período que denominamos de *fin de siècle*, momento da fase madura e final do geógrafo, sugere um conjunto de possibilidades interpretativas sobre a mudança da postura teórico-metodológica de Ratzel frente à uma Geografia institucionalizada e dicotomizada entre Geografia Física e Geografia Humana.

São obras que, num primeiro momento, colocam-se enquanto diferentes do conjunto das obras de Ratzel, quando o autor esteve extremamente vinculado ao Estado e institucionalização científica da Alemanha, principalmente nas primeiras décadas após a unificação. Despojado da rigidez acadêmica, e sem grandes compromissos institucionais, Ratzel apresenta textos que buscam, em um sentido amplo, resgatar conhecimentos e posturas teórico-metodológicas que a ciência alemã havia deixado de lado com o advento de uma ciência institucionalizada, utilitarista e positivista. Assim, Ratzel

discute a importância da paisagem e da apreciação da natureza no olhar do pesquisador, e também nos livros didáticos de Geografia (*Über Naturschilderung*, 1904), e amplia o universo da Geografia para questões filosóficas e históricas, retomando muitas vezes autores gregos antigos, e também escritores da literatura romântica alemã (*Über Naturschilderung e Raum und Zeit in der Geographie und Geologie*, 1907). Em *Raum und Zeit*, Ratzel nos apresenta um profundo debate em torno das origens e evolução da concepção de Espaço e Tempo, e suas diferentes e semelhantes influências na Geografia e na Geologia.

O resgate da cosmovisão romântica remete a uma necessidade de buscar relacionar ciência e arte, já que a ciência positivista no *fin de siècle* passava por um momento conturbado de profundos questionamentos, tanto em seu modo de ver o mundo, quanto no tipo de ciência que estava sendo desenvolvida das universidades alemãs. A arte, ou a descrição artística, neste sentido, poderia ampliar as possibilidades interpretativas para os mais diversos fenômenos e/ou acontecimentos passíveis de observação, e para a Geografia, poderia fornecer-lhe uma ampliação de seu arcabouço teórico-metodológica, carente neste período.

Em suma, estes novos conhecimentos, quando transcritos, traduzidos e analisados, poderão subsidiar o desenvolvimento de outras noções de Geografia, em sua linha teórico-metodológica principalmente, além de ampliar o conhecimento que temos do geógrafo Friedrich Ratzel, injustamente limitado às suas obras mais divulgadas, *Anthropogeographie* e *Politische Geographie*, e de sua vinculação ao determinismo ambiental. O pensamento de Ratzel é muito mais amplo e diverso, e este artigo buscou pontuar alguns elementos que demonstram a gama de possibilidades interpretativas em Ratzel, e também na linha de Pensamento geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTTMANN, Günther. **Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen** (1844 – 1904). Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1977.

BLACHE, Paul Vidal D. L. La géographie politique a propos des écrits de M. Frédéric Ratzel. **Annales de Géographie**. n. 32, ano 7, 1898.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciência en la geografía contemporánea**. Espanha: Barcanova, 1981.

CARVALHO, Marcos B. Ratzel: releituras contemporâneas: uma reabilitação? **Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona Nº 25, 1997.

CARVALHO, Marcos B. Diálogos entre as ciências sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904). **Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, nº 34, 1997.

CARVALHO, Marcos B. Friedrich Ratzel (1844 – 1904): “O insípido está sempre incorreto”. **GEOgraphia**, v. 12, 23. UFF, Rio de Janeiro, 2010.

DICKINSON, Robert E. **Germany: a general and regional geography**. Taylor & Francis, 1964.

DUNBAR, Gary. S. **Geography: Discipline, Profession and subject since 1870**. Netherlands: The Geojournal Library, 2001.

- ENGELMANN, Gerhard. **Die Hochschulgeographie in Preußen 1810 – 1914**. Deutsche, Wiesbaden: Erdkundliches Wissen 64, 1983.
- FULBROOK, Mary. **Historia de Alemanha**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- FARINELLI, Franco. Friedrich Ratzel and the nature of (political) geography. *Political Geography* 19, 943 – 955. **Pergamon**, Bologna, 2000.
- GODOY, Paulo R. T (org). **História do Pensamento geográfico e epistemologia da Geografia**: São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.
- HOLBORN, Hajo. **The History of Modern Germany**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1982.
- HUSSY, Charles. Y aurait-il deux Friedrich Ratzel?. **Cahiers de géographie du Québec**, Canadá, vol. 37, n° 101, p. 435-440, 1993.
- HUDSON, Brian. The New Geography and the New Imperialism (1870 – 1918). **Antipode**. 9 (2) 9 – 12, 1972
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 8° Ed., 2003.
- HOBBSAWM, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840 – 2011**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HARRISON, Charles; FRASCINA, Francis. **Primitivismo, cubismo, abstração: começo do século XX**. São Paulo: Cosac e Naify Editor, 1998.
- LIVINGSTONE, David. N. **The Geographical Tradition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- LOPES, Rogério. “A ambicionada assimilação do materialismo”: Nietzsche e o debate naturalista na filosofia alemã da segunda metade do século XIX. **Cadernos Nietzsche 29**: 309 – 352. São Paulo, 2011.
- JAPIASSU, Wilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2° ed., 1991.
- KOST, Klaus. Anti-Semitism in German Geography 1900 – 1945. **GeoJournal**, 46, 285 – 291, 1999.
- MARCHAND, Suzanne; LINDENFELD, David. **Germany at the fin de siècle: culture, politics, and ideas**. Louisiana: Louisiana State University, 2004.
- MENDOZA, Josefina G; JIMÉNEZ, Julio M; CANTERO, Nicolas O. **El pensamiento geográfico**: Alianza Universidad Textos. 2° edição. Alianza Editorial, Madrid, Espanha, 1988.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o Pensamento Geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MORAES, Antonio Carlos R. **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- MORAES, Antonio Carlos R. A gênese da geografia moderna. A particularidade histórica da Alemanha e a gênese da geografia moderna. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **A Gênese da geografia moderna**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.
- MERCIER, Guy. A região e o estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. **Annales de Géographie**, França, 583, 1995.
- McMEEKIN, Sean. **O expresso Berlim – Bagdá: O império Otomano e a tentativa da Alemanha de conquistar o poder mundial (1898 – 1918)**. São Paulo, Editora Globo, 2011.
- NORBERT, Elias. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

- NOBRE, Renarde F. **Kultur versus Zivilization: A crítica da Intelligentsia alemã ao processo civilizador.** XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. Recife, 2009.
- NAME, Leo. A natureza como o outro de diferentes partes: Uma discussão sobre Ratzel e Alteridade. **Revista bibliográfica de Geografía y ciencias sociales.** Barcelona: Espanha. Vol. XV, nº 859, 2010.
- SAGUIN, André Louis. En relisant Ratzel. **Annales de Geographie.** n. 555, 579 – 594, 1990.
- SEEMANN, Jörn. Friedrich Ratzel entre tradições e traduções: uma breve abordagem contextual. **Terra Brasilis.** 1, 2012.
- STODDART, D. R. **Darwin's impact on Geography.** University of Cambridge, England. 683 – 698, 1965.
- STODDART, D. R. **Geography, Ideology & Social Concern.** Oxford, England: Basil Blackwell, 1981.
- SMITH, Woodruff D. **Politics and the Sciences of Culture in Germany: 1840 – 1920.** New York, EUA. OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1991.
- SCHNITZLER, Arthur. **O caminho para a Liberdade.** Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SCHEIDL, Ludwig. **O pré-expressionismo na literatura alemã.** Coimbra: Biblioteca Geral de Coimbra, 1985.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã:** São Paulo, editora Estação Liberdade, 2010.
- SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Companhia das Letras. São Paulo, 1995.
- RATZEL, Friedrich. Sobre a Interpretação da Natureza [Über Naturschilderung]. **GEOgraphia.** Rio de Janeiro: UFF, 12 (23), 2010.
- RATZEL, Friedrich. **Raum und Zeit in der Geographie und Geologie.** Leipzig, 1907.
- RIBEIRO, Guilherme. Luta pela autonomia e pelo território: Geografia e os estados alemão e francês na virada do século XIX ao século XX. **Revista Mercator.** Ceará: Fortaleza: UFC, ano 08, n. 15, 2009.
- RINGER, Fritz K. **A metodologia de Max Weber: unificação das ciências culturais.** São Paulo: EDUSP, 2004.
- RINGER, Fritz K. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã (1890 – 1933).** São Paulo: EDUSP, 2000.
- VALKENBURG, Samuel Van. The German school of Geography. In: Taylor, Griffith. **Geography in the 20th Century.** Methuen, Londres, 1960.
- VITTE, Antonio C. **Contribuições à história e à epistemologia em geografia.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- WENEGER, Georg. Ratzel, Über Naturschilderung. **Geographische Zeitschrift,** 11. Jahrg., 10. H, pp. 584-586, 1905.